

OCIDENTE À BEIRA DA GUERRA?

Por Gabriel Camilli*



Volodymyr Zelenskyy e o então presidente dos EUA, Donald Trump, na Casa Branca em 25 de setembro de 2019 (Shealah Craighead/Foto oficial da Casa Branca).

Enquanto Zelenskyy negocia meios para atacar território russo, Putin alertou que a guerra pode se alastrar aos EUA e seus aliados se a Ucrânia for autorizada a atacar a Rússia com mísseis de longo alcance fabricados no Ocidente.

Embora a ofensiva ucraniana em Kursk tenha provavelmente atingido o seu clímax, as forças russas avançaram na cidade estratégica de Pokrovsk, em Donbass. E Zelenskyy recebe uma avalanche de críticas em sua terra natal.

Segundo o *The Economist*, os russos estão construindo fortificações ao longo de toda a linha de avanço ucraniana em Kursk, uma espécie de réplica da “linha Surovikin” que bloqueou a contraofensiva ucraniana no verão de 2023.

Mais informações: Segundo o vice-diretor da CIA, David Cohen (28 de agosto), a grande expansão ucraniana que atingiu 1.300 quilômetros quadrados em território russo teria sido ligeiramente reduzida. Entretanto, o avanço russo sobre Pokrovsk em Donbass não mostra sinais de abrandamento, de acordo com estimativas do vice-diretor da CIA, David Cohen.

Pokrovsk está localizada no cruzamento de várias estradas e ferrovias estrategicamente importantes. A cidade tornou-se um centro chave para a operação da frente ucraniana desde Vuhledar até ao extremo norte do Oblast de Donetsk e mais além.

De acordo com o que nos diz o site ucraniano *Euromaidan Press*, existem atualmente dois centros-chave para a logística ucraniana em Donbass: Pokrovsk e Kramatorsk. Na realidade, os russos nem precisam conquistar a cidade. A sua simples proximidade com o centro habitado permite-lhes atacar rodovias e estradas-de-ferro com artilharia, drones e morteiros, o que inutiliza estas vias de comunicação, algo que já aconteceu em parte. A estrada que liga Pokrovsk a Kostiantynivka está há muito tempo na mira dos russos. A interrupção desta via de comunicação dificulta o abastecimento de tropas ucranianas no setor Bakhmut-Horlivka.

A perturbação das rodovias e das estradas-de-ferro agravou a situação em Kiev e existe o risco de perder Kurakhovo, Vuhledar e a zona a sul e a norte de Toretsk. Finalmente, se Pokrovsk caísse, as forças russas encontrariam poucos obstáculos a um possível avanço em direção ao Dnieper.

Desde julho, o avanço da Rússia na região acelerou significativamente, permitindo às forças de Moscou dominarem numerosas linhas defensivas ucranianas construídas às pressas após a queda de Avdeevka.

A Euromaidan Press conclui perguntando se Kiev irá reposicionar suas forças a partir das áreas de Kursk e Kharkov, ou de frentes atualmente inativas, para evitar o que define como “uma catástrofe” no caso de Pokrovsk ser perdida.

No entanto, segundo outras fontes ucranianas, as tropas de Kiev já abandonaram Novohrodivka, a apenas 20 quilômetros de Pokrovsk.

De acordo com Roman Ponomarenko, oficial da Brigada Azov, Pokrovsk está destinada a cair dentro de algumas semanas.

Mais opiniões: O antigo general da OTAN Harald Kujat tem uma opinião clara sobre o assunto, e alerta claramente, em uma conversa com Michael Clasen, sobre a possibilidade de uma escalada incontrolável.

Sóbrio em sua análise mas claro em sua avaliação, o ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Alemãs falou em uma conversa de especialistas com o moderador Michael Clasen sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Para Kujat uma coisa é clara: a continuação da atual guerra com apoio maciço à Ucrânia por parte do Ocidente acarreta o risco de o conflito se expandir ainda mais.

Kujat observa que os líderes ucranianos têm “*a maior preocupação*” com a situação militar. A Rússia avança inexoravelmente, embora lentamente. Seu objetivo é conquistar as regiões do Donbass. Kujat acrescentou que “*acho que a Ucrânia sabe que isso não pode mais ser evitado*”.

Desde o início da guerra, a situação militar da Ucrânia “*tornou-se cada vez mais crítica*”, diz Kujat, apesar do “*enorme apoio ocidental*”. Portanto, deve presumir-se que, apesar do apoio contínuo a Kiev por parte da UE e da OTAN, a Ucrânia está “*cada vez mais fraca*”. E que no final haverá uma “*derrota militar e, na verdade, catastrófica, para a Ucrânia*”.

ALERTA

A Ucrânia está planejando um ataque “desumano” de bandeira falsa para culpar Putin e justificar a intervenção da OTAN, de acordo com o Serviço de Inteligência Estrangeiro Russo (SVR). Acrescentou ainda que um centro infantil, um hospital ou uma creche poderão ser o alvo.

A “provocação desumana” teria sido concebida pelos líderes militares e de inteligência ucranianos seguindo o conselho dos “controladores americanos”, de acordo com o comunicado divulgado por aquela organização na segunda-feira. O objetivo é causar um grande número de vítimas e divulgar o acontecimento através dos meios de comunicação internacionais, acrescentou a agência.

O objetivo que Kiev perseguiria com este plano seria chocar as potências ocidentais para que estas a autorizassem a realizar ataques de longo alcance com armas ocidentais nas profundezas da Rússia, acredita o SVR. Os Estados Unidos usariam então o incidente para aumentar a pressão sobre o Irã e a Coreia do Norte por supostamente fornecerem mísseis balísticos à Rússia, disse esta agência (veja [Ukraine planning 'inhumane' false flag attack – Russian intelligence](#)).

Ao mesmo tempo, o líder ucraniano Volodymyr Zelensky rejeitou a promessa do candidato presidencial republicano dos EUA, Donald Trump, de acabar imediatamente com o conflito com a Rússia, considerando-a uma típica retórica eleitoral, que dificilmente se concretizará.

FUTURO MUITO LIGADO ÀS ELEIÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS

Trump afirmou repetidamente que, se regressar à Casa Branca, conseguirá um acordo de paz entre Moscou e Kiev “dentro de 24 horas”. “Apenas faça. Tudo bem. Negocie um acordo”, disse ele durante o debate presidencial com sua rival democrata, a vice-presidente Kamala Harris. Harris respondeu que Trump estava planejando “simplesmente desistir” da Ucrânia e passou a listar seus próprios esforços para garantir apoio militar a Kiev.

Em entrevista ao programa *Fareed Zakaria GPS* da CNN no domingo, Zelensky minimizou as palavras de Trump.

“Minha posição é que o período eleitoral e as mensagens eleitorais são mensagens eleitorais. Às vezes não são muito reais”, disse ele, acrescentando que embora as declarações de Trump *“possam deixar todos nós, o nosso povo, nervosos”,* uma conversa com o ex-presidente há dois meses deixou uma impressão muito diferente.

De acordo com Zelensky: *“Tive um telefonema com Donald Trump e ele me disse que me apoiava muito e tivemos uma boa conversa.”*

Recorde-se que em abril de 2022, Kiev e Moscou estavam perto de finalizar um acordo de paz em Istambul, mas essas conversações foram interrompidas devido a uma intervenção de apoiadores ocidentais da Ucrânia.

Algumas pistas: na semana passada, o candidato republicano à vice-presidência J. D. Vance sugeriu que a possível proposta de paz de Trump envolveria provavelmente a criação de uma zona desmilitarizada em torno da atual linha de contato e a garantia da neutralidade da Ucrânia, ideias que se alinham com os principais objetivos da Rússia.

Por seu lado, o presidente russo, Vladimir Putin, alertou que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia poderia alastrar-se aos Estados Unidos e seus aliados se a Ucrânia fosse autorizada a atacar o território russo com mísseis de longo alcance fabricados no Ocidente. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha acusaram o Irã de fornecer mísseis à Rússia, levando a novas sanções. Os líderes dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha deverão manter conversações para tentar dar mais apoio à Ucrânia.

A longa e irrestrita guerra está em pleno andamento, sempre com o risco de uma escalada nuclear.

Nota: No final destas linhas o mundo comoveu-se com esta notícia: *“Inaugura-se a era em que tudo é arma.”* A forma inédita do ato de guerra com que o Líbano foi subitamente atingido, causando dezenas de mortos e milhares de feridos, já deve ser considerada um marco nos conflitos do século XXI. Não existe mais um lugar seguro. Qualquer forma de conexão com objetos do cotidiano e ativada remotamente com intenção maliciosa está pronta para ser usada como arma. Temos visto centenas de explosões simultâneas provenientes de *paggers* usados por militantes do Hezbollah – paradoxalmente eram menos conectados e menos atacáveis do que o uso de telefones celulares – hackeados, manipulados ao ponto de usarem suas baterias como gatilho. Muitas pessoas inocentes próximas das pessoas atingidas foram afetadas por esta guerra irrestrita. Expandiremos em notas futuras as consequências para a nossa própria defesa nacional. Outro tópico para prestar muita atenção.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
